

GUIA DE LABIRINTO — UMA ANÁLISE DO GUIA DO LIVRO DIDÁTICO DO MEC¹

Denise Lemos Gomes²

APRESENTO neste artigo uma pequena fatia da pesquisa que desenvolvi para minha dissertação de mestrado, voltada especificamente para o estudo do **Guia do Livro Didático** para a 1^a a 4^a série, especificamente na área de Língua Portuguesa, produzido pelo MEC no ano de 1997, e a análise das resenhas contidas neste documento. O estudo tinha como objetivo verificar em que medida o Guia cumpre a função que seu organizador lhe atribuiu na introdução dirigida “ao professor”, a saber:

Contribuir para a escolha do livro didático (...) ajudando [o professor] a refletir sobre questões relativas à qualidade das propostas veiculadas pelos livros: os conceitos são corretos? São adequados? Os exercícios ajudam o aluno a pensar? As ilustrações contribuem para a compreensão de textos? (p.3)

Observando a Capa do Guia me vieram as primeiras suspeitas. Observei inicialmente o marco temporal – 1998, ocupando toda a extensão, em frente e verso, da capa do Guia. Atrás, a sigla MEC e, por extenso, Ministério da Educação e Desporto. Abaixo a imagem da bandeira brasileira tremulando. Na parte inferior da capa encontrava-se os dizeres: Brasil em ação. Deste fundo datado, submergia um recorte, não centralizado, onde, na parte superior, havia a inscrição: *Guia de Livros Didáticos 1^a a 4^a série*, e, na parte inferior, lê-se *PNLD 98*. Essa leitura me dava a nítida impressão de que a capa carregava um marco de registro de ação política.

A ilustração, que ocupava o espaço entre os dizeres, apresentava um único sujeito, me levou a pensar: se no mundo há livro didático e você é solitário, desprotegido,

-
1. Síntese do trabalho apresentado como dissertação no programa de Mestrado em Educação da Universidade de Sorocaba.
 2. Mestre em Educação pela Universidade de Sorocaba. Professora do curso de Pedagogia da UNISO.

perdido, incapaz de se achar, há o MEC que, em sua bondade oferece o Guia para apoiar e ajudar.

O uso dos verbos *apoiar* e *ajudar* implica supor que o ajudado é incapaz de realizar uma tarefa de sua competência, selecionar seu próprio material de trabalho. Tal incapacidade ficou ainda mais reforçada quando constatei a afirmação do organizador do Guia que o livro didático é formador do professor.

Esta estratégia é comum e facilmente percebida no discurso publicitário: faz acreditar que o sujeito é único e sugere que seja o mais belo, o mais forte, o mais sedutor, mas antes constrói nele a falta de um desses atributos e só depois oferece o produto para suprir a deficiência; faz acreditar que está perdido, ou que é possível que se perca; faz acreditar que está sozinho e que não há como se achar, nem com quem se achar no interior da escola. Depois disso, oferece-se o Guia para estabelecer um laço entre o sujeito que dá e o que recebe, fazendo-o acreditar que vai ser o mais capaz de escolher. Mas haverá somente uma ilusão de estar com os outros, já que o Guia basta para sair da situação. Aliás, a reunião com colegas vai se dar em função do Guia, conforme afirmação do último parágrafo da página dirigida ao professor.

A imagem central mostra um homem diante de um labirinto construído com livros. Como entrar aí e não perder-se? É o Guia, então, um Guia de Labirinto? Labirinto não como um lugar sem saída, mas um lugar onde todas as saídas são ilusórias, já que conduzem a lugar nenhum, conduzem mais exatamente ao lugar em que se está. É um perder-se-em-si-mesmo, é um estar sempre vendo uma possibilidade de saída, mas que não leva a nada?

É curioso estar num labirinto de livros, já que a imagem que se constrói dele [livro] é de fonte de saber, de caminho, de direção, saída.

O Guia seria aquele que conduz ao lugar certo, o que conheceria o melhor caminho. Neste sentido, talvez esteja querendo se postular como aquele que é capaz de tirar a educação do labirinto em que se encontra. Labirinto que, pelo menos em parte, seria consequência da falta de disciplina e de controle do mercado editorial brasileiro.

A figura é a de um sujeito diante do labirinto – único, do sexo masculino, careca, meia idade, formalmente trajado; a camisa é de colarinho, combinado com gravata e terno, as cores do traje são harmônicas, quase em degradê; complementam a imagem de sobriedade os óculos redondos de modelo convencional. O homem, é claro, aparece carregando um livro na mão, mas lembra muito mais o burocrata de Brasília que o professor já que é homem, enquanto a maioria dos professores são mulheres.

Chama atenção que esse homem se coloca do lado de fora do labirinto, olhando para ele como se fosse um espectador, reforçando a idéia que está representando a idéia dos burocratas de Brasília, (os que estão dentro do labirinto são os professores).

Há um contraponto entre a imagem assustadora de labirinto e as cores harmônicas apresentadas. A situação é apresentada com leveza nas cores, sem agredir, sugerindo aparente conforto.

O sujeito encontra-se de mão no queixo, numa postura indagativa, como quem pergunta de um caminho. Poderíamos pensar que é um professor que, diante da dúvida

sobre que livro optar, fica sem saída, sem saber o melhor caminho, dada as múltiplas possibilidades; mas essa possibilidade, no entanto, se descaracteriza pelo perfil do sujeito apresentado que não permitiria se o professor, até porque trata-se de um sujeito que traz embaixo dos braços um livro de cor neutra, apagada, tendendo para o marrom claro, preso fisicamente (e não só fisicamente) ao sujeito, dando a entender que o ensino, o livro e o conhecimento são elementos inseparáveis, indicotomizáveis. Atrás deste personagem, nota-se o labirinto de livros de cores vivas e variadas de tamanhos e grossuras padronizados, assim como a forma e tamanho, sempre idênticas. Alguns livros abertos, outros semi-abertos, não parecem sugerir a idéia de Ligya Bojunga Nunes de livro como construtor de mundos, como tijolos, mas a idéia de livros, como bloqueio, obstáculo, como elemento de perdição.

O horizonte ao fundo, em tons rosa e violeta, leva a crer que o labirinto dos livros não se esgota, vai muito além do que a vista alcança. A quantidade de livros sugerindo infinito, reflete a diversidade de livros didáticos (aproximadamente 40% do mercado editorial brasileiro).

Ao chegar nessas conjeturas decidi traçar a trajetória da minha pesquisa. Parti para as observações das práticas pedagógicas dos professores e para trocar idéias com meu orientador.

Durante a leitura da capa do Guia, levantei algumas suspeitas. Realizei entrevista com professoras da rede pública de Ensino de Sorocaba e obtive a confirmação das suspeitas elencadas. Busquei no meu estudo contextualizar o documento no panorama educacional. Analisei o livro didático e evidenciei algumas discussões dos vários “olhares” relacionados ao livro didático que foram propostos por estudiosos ao longo dos tempos. Só então parti para a análise do **Guia do Livro Didático** (apontando aspectos que necessitariam de reflexão)

Permeando o desenvolvimento de todo esse trabalho de pesquisa, fiz um estudo de caso – realizado em 1998 com professores da rede pública de ensino de Sorocaba. A observação trouxe à tona a discussão a respeito da necessidade de se colocar em prática um conjunto de medidas relacionadas aos profissionais da educação e não somente aos materiais didáticos.

O Guia contém duas partes. A primeira traz as resenhas dos títulos recomendados, agrupados por área de conhecimento. Os livros são assinalados com estrelas, indicando sua classificação: *** *recomendados com distinção*; ** *recomendados*; e * *recomendados com ressalvas*.

Os *recomendados com distinção* seriam “os livros que se aproximariam do ideal, apresentando propostas críticas e instigantes” (p.11); já os *recomendados* “cumpririam os requisitos mínimos de qualidade exigidos, havendo uma ou outra restrição circunstancial” (p.11). Em geral, seria considerado (recomendado), conforme os critérios do Guia, “aquele que estimularia o aluno a desenvolver trabalhos de pesquisa e a vincular o conhecimento com a realidade em que vive. Leva-se em conta a proposta pedagógica, os textos usados e os tipos de exercícios”; finalmente, os livros recomendados com ressalvas “seriam aqueles que tivessem restrição pertinente”

As explicações de enquadramento dos livros nas categorias contêm conceitos genéricos, relativos e abstratos, como “os livros aproximam-se do ideal”, “há uma ou

outra restrição”, ou ainda “possuem restrição pertinente”. Ideal é um conceito que não pode ser descrito por critérios mensuráveis ou verificáveis e, portanto, torna-se subjetivo, resulta de um consenso aparente. “Há uma ou outra restrição”: quando não se diz qual é a restrição é porque parece existir um padrão de normalidade, muito bem estabelecido que permite fazê-la e, já que o livro não foge à normalidade, não tem restrição. Ter “restrição pertinente” é outro conceito de difícil entendimento. É possível existir restrição impertinente? Ou uma gradação de restrições de acordo com a gravidade do problema? E essa gravidade pode ser de vários aspectos, como erro conceptual, problema metodológico ou estratégia de exposição do conteúdo.

A segunda parte traz a relação de outros livros analisados (os *não recomendados*) e a justificativa de sua não-inclusão no conjunto dos livros recomendados. *Não recomendados* são os que não apresentam erros conceituais ou algum tipo de discriminação, mas trazem propostas pedagógicas consideradas pobres, que não estimulam a criatividade.

A inclusão no Guia dos livros recomendados com ressalva e não recomendados é curiosíssima, pois se é não recomendado ou recomendado com ressalva e se o MEC instituiu uma comissão que avalia o livro, como admitir que faça parte de um catálogo feito para ajudar o professor a escolher o livro apropriado. Em outras palavras, o livro pode ser usado se a escola optar por ele, mesmo que a avaliação técnica dos consultores e especialistas contratados não o recomende. Isso pode aparentemente significar que o MEC reconhece que o professor é capaz de fazer uma avaliação diferente, mas na prática significa muito mais um problema com o mercado editorial do que com os professores: a não inclusão dos livros mal avaliados implicaria um problema político muito maior.

O Guia estabeleceu critérios de exclusão dos livros:

- Desatualização;
- Erros conceituais graves ou formulações que induzam a erros graves;
- Transmissão de valores incompatíveis e preconceitos que maculam a construção da cidadania;
- Experimentos que colocam em risco a integridade física do aluno.

Os critérios adotados para a classificação trazem subjacentes valores subjetivos, às vezes imprecisos, demasiadamente genéricos e que, portanto, não contribuem para a análise precisa. No critério de exclusão, a desatualização é um exemplo de imprecisão, pois o que se pode entender por desatualização no caso de Língua Portuguesa? Se é o ensino de gramática tradicional, não houve mudança substancial nos últimos cem anos; se é a seleção de textos, certamente colocar textos de cem ou cinquenta anos atrás não é necessariamente um defeito do livro, pois este pode ser bom apenas com textos de publicações antigas.

Talvez *desatualização* seja um critério relevante para outras áreas, como Ciências e Geografia, mas para Língua Portuguesa é relevante apenas em algumas questões conceituais ou nas que dizem respeito à concepção de ensino, como modelo de prática pedagógica ou concepção de texto.

Dentre os critérios de exclusão dos livros, o autor não parece questionar diretamente nem o modelo de ensino e nem a concepção didático-pedagógica do material.

De maneira a dar mais visibilidade à avaliação, o MEC adotou um sistema icônico semelhante ao que se usa para classificar hotéis e restaurantes: número de estrela. Assim, os recomendados com distinção recebem três estrelas; os recomendados recebem duas; os recomendados com ressalva recebem uma; e os não recomendados não recebem estrela.

Essa opção, apesar de tornar imediata a percepção do leitor, não se faz sem riscos. O critério de estrelas, na classificação de hotéis, não só indica a qualidade, mas também o preço do serviço prestado, o que permite ao usuário orientar-se na escolha com mais facilidade. Há pessoas que, ao chegar numa cidade, já descartam hotéis 5 ou 4 estrelas, porque sabem que tais hotéis prestam serviços com mais luxo e que, portanto, não estão no seu nível econômico. Isso não significa dizer que um hotel 3 estrelas não a satisfaça. A transferência para a classificação do livro didático não se dá da mesma maneira, já que o que diferencia não são patamares diferentes de satisfação em função do tipo de serviço que se quer, mas da qualidade intrínseca do mesmo produto. De fato, as estrelas na classificação do livro didático só teriam sentido se houvesse um consenso muito grande no valor delas, como ocorre razoavelmente no caso dos hotéis. As estrelas qualificam positivamente o livro e não guardam a neutralidade desejada.

Ao adotar o sistema de estrelas, o MEC lança mão de um valor reconhecido no mercado para identificação de produtos em função da eficiência dessa simbologia, que sugere um menosprezo da capacidade intelectual do professor. As estrelas têm o papel significativo de “poupar” a leitura e a análise do livro didático ou da resenha (a leitura da resenha não seria suficiente para o professor estabelecer um bom critério de avaliação). Lê-se apenas as estrelinhas (e não as entrelinhas), que, por si sós, seriam suficientes.

Ao estabelecer que alguns livros são melhores (mais estrelas) e outros piores (menos estrelas), com sua “voz oficial”, o Guia incrementa a seleção e o consumo dos livros que estabeleceu como melhores, mesmo que as resenhas não tenham cumprido seu papel por causa de seu distanciamento discursivo. As estrelas se encarregam de distinguir qualitativamente o livro.

Enfim, as categorias em que os livros são incluídos, constituem-se em um modo bem estabelecido, já que se apoiam em referencial de uso geral e todos sabem a distinção entre *recomendado*, *recomendado com ressalva* e *recomendado com distinção* e sabem interpretar a qualidade do produto em função da quantidade das estrelas. As justificativas para os livros estarem em tais categorias estão apoiadas em aspectos genéricos, abstratos, relativos a acordos tácitos.

O Guia possui vários interlocutores e locutores: as editoras, os autores dos livros, os professores do Ensino Fundamental (CB a 4ª série) e a universidade. Os locutores mais evidentes são: o Governo, o MEC, a universidade e os especialistas e coordenadores representantes dessas instâncias.

É possível notar um diálogo quase direto com os autores e editoras de livro didático. Neste diálogo, precisaria convencer as editoras da pertinência das avaliações feitas, bem como da necessidade do controle de qualidade sobre os didáticos.

A comunidade universitária é uma interlocutora interessada em investigar os efeitos e analisar algumas conseqüências do documento MEC no processo ensino-aprendizagem, além de interessar-se também por questionar os pareceres.

O discurso utilizado, para atingir os vários interlocutores, busca ser, ao mesmo tempo, didático (para atender o interlocutor nomeado: o professor), técnico (para conferir a legitimidade dos pareceres) e de divulgação (para atender ao mercado editorial e demais leigos que queiram envolver-se no debate).

Detectei características fundamentais nas resenhas que apresento a seguir:

- Estão organizadas com estrutura, tamanho, formatação semelhante.
- Destacam as estrelas que estão no topo da página e não o texto da resenha.
- São apresentadas no Guia por ordem de estrelas (as de maior grandeza primeiro)
- Há um roteiro de questões subjacente para apresentar a resenha:
 - Qual o referencial teórico do livro ?
 - Como está organizada a coleção/livro?
 - Como é a seleção de textos?
 - Como é proposto o estudo de texto?
 - Como é proposta a produção de texto (escrito)?
 - Como é o trabalho com a oralidade?
 - Como é trabalhado o conhecimento lingüístico?
 - Sugestões dadas em relação ao livro.
 - Como é o livro do professor?
- Poucas referências aos aspectos gráficos.
- Caráter neutro, distante
- Tende a reproduzir o que se afirma nas introduções dos livros; de certa forma, confirma o que dizem os autores.
- Não se fazem críticas diretas:
 - Ausência da referência
 - Ênfase maior ou menor relativo ao item
 - Remissão a um discurso conhecido (associado ao tradicional — chavões valorativos).
 - Sugestão de trabalho ao professor.

O discurso do locutor demonstra neutralidade e distanciamento, como tentarei explicitar a seguir. Separei, em função de sua classificação, três livros: **Desenvolvimento da Linguagem** (recomendado com ressalva); **Dois contos e sua mágica** (recomendado com distinção); e **Língua e Linguagem Sonho e Viagem** (recomendado). Convidei algumas professoras da escola em que trabalhava e solicitei que lessem as resenhas escolhidas, tendo previamente retirado as estrelas, e pedi que fizessem uma classificação dos livros em 1º, 2º e 3º lugar.

O resultado se encontra no quadro abaixo. Como se pode perceber, não houve concordância no julgamento feito pelas professoras.

Ao tentar fazer as classificações dos livros, fiz alguns questionamentos durante o processo e observei algumas respostas, tais como: “[a resenha] está muito *simples*, muito... *não me convenceu*”; “o primeiro *livro* eu já *conhecia*, então fica assim *mais*

fácil pela resenha a gente dar uma opinião”; “tem pontos que eles estão *falando sempre a mesma coisa*, busca a criatividade do aluno, atividades gramaticais, variedade de autores. Normalmente é isso que você tem na orientação de escolha do livro, você *acaba achando que os três estão enquadrados*, entendeu?”; “Eu pelo menos *não consegui avaliar*, assim, para colocar em destaque um ou outro”; “uma resenha *fora da visualização do livro fica difícil...*”.

A classificação feita pelas professoras foi a seguinte:

	1º lugar	2º lugar	3º lugar
Prof. M	Desenvolvimento da Linguagem	Dois contos e sua Mágica	Língua e linguagem sonho e viagem
Prof. MB	Desenvolvimento da Linguagem	Dois contos e sua Mágica	Língua e linguagem sonho e viagem
Prof. L	Dois contos e sua Mágica	Desenvolvimento da linguagem	Língua e linguagem sonho e viagem
GUIA	Dois Contos e sua Mágica	Língua e linguagem sonho e viagem	Desenvolvimento da linguagem

Procurei expressar através do quadro sinóptico a seguir, levando em conta tópicos implícitos, os aspectos destacados nas resenhas desses mesmos livros classificados pelas professoras.

QUADRO SINÓPTICO DAS RESENHAS (considerando os tópicos implícitos)

Livros / aspectos destacados nas resenhas	Desenvolvimento da Linguagem	Dois contos e sua mágica	Língua e linguagem sonho e viagem
Seleção de texto	O livro tem como qualidade a relativa diversidade de tipos de textos com temática variada e de acordo com o universo a que se destina (p. 78)	A diversidade de textos está contemplada bem como a representatividade e diversidade de autores (p. 62) Ênfase na realização de	A principal qualidade do livro é a boa seleção de textos; são diversos os autores apresentados, muitos deles representativos da literatura brasileira e/ou infanto-juvenil (p. 68)
Estudo de texto	Propõe questões abordando aspectos como seqüência das ações, atitudes e intenções das personagens e levar a criança a buscar relações entre o tema abordado e sua experiência de vida. (p. 79)	inferências, exercícios que pressupõem a generalização, extrapolação e emissão de opinião. (p.63)	Valoriza o papel do aluno como leitor na reconstrução dos sentidos, quando abordam, além do conteúdo, a reflexão sobre os conhecimentos lingüísticos. (p. 68)
Produção de texto	Exercícios que preparam a produção por meio de atividades preocupadas em chamar a atenção para os elementos constituintes do tipo de texto desejado. (p. 79)	Apresenta propostas de redação que abordam tanto os aspectos relacionados à formação e grafia das palavras, como solicitação de produção de textos de tipos diversos. (p. 63)	Propõe continuidade da história; textos de leitura são retomados como referencial para a produção de outros. (p. 68)

Conhecimento lingüístico	Propõe exercícios que abordam aspectos referentes à palavra, à sinais de pontuação, a sílaba, à estrutura de oração e não diferem daquilo que é feito em propostas tradicionais de ensino da língua materna. (p. 79)	Oferece propostas que prevêem análise e reflexão dos recursos utilizados pelos autores dos contos, tematizados os mais diversos aspectos do conhecimento (p. 63)	Os conhecimentos lingüísticos são trabalhados, evitando as tarefas mecânicas de repetição de modelo para memorização de regras. (p. 69)
Sugestão	Complementação de textos suplementares. Sobre <i>estudo de texto</i> , sugere que o professor instigue a criança a formular hipóteses e quanto a produção que se coloque em jogo as situações reais de uso da linguagem oral. (p. 80)		Professor introduza outros temas além dos propostos na seleção de textos. Enfatize o trabalho com linguagem oral e insira a reelaboração e socialização das redações produzidas. (p. 69)
Livro do professor	Apresenta de forma explícita e bem argumentada os pressupostos que embasam o livro; oferece sugestões relativas à postura e encaminhamentos que devem ser seguidos durante o processo. (p. 80)	Contém informações sobre a proposta de trabalho, referência teórica, orientações para as atividades e sugestões de trabalhos diferentes e plausíveis. (p. 63)	Contém resposta aos exercícios, sugestões de trabalho, fundamentos teóricos metodológicos adotados e comentários sobre as atividades propostas em cada unidade. (p. 69)

Levando em consideração o tópico Seleção de texto foi possível fazer alguns recortes do discurso indicativos da qualidade do livro analisado.

Enquanto em **Desenvolvimento da Linguagem**, o resenhador escreveu “*relativa diversidade de tipos de texto*”, em **Dois contos e sua mágica**, a diversidade de textos *está contemplada*”; para o terceiro livro, o comentário foi: “*boa seleção de textos*”. Refletindo apenas sobre este aspecto, verifica-se uma sutileza de discurso entre: *relativa, contemplada e boa seleção*.

Quanto ao tópico *estudo de texto*, o resenhador do livro 1 registrou que há enfoque para as “*seqüências de ações... atitudes, intenções...*”; “*relação tema experiência*”. No livro dois, o destaque foi “*inferências...generalização...extrapolação...emissão de opinião...*”. Para **Língua e Linguagem Sonho e Viagem**, escreveu que “*valoriza a reconstrução dos sentidos quando há reflexão do conhecimento lingüístico*”. Há uma grande diferença em propor questões que prevêem apenas seqüenciação, o outro que infere...extrapola daquele que “*quando*”, e esse quando é uma marca, que isso não é prática constante, se reflete sobre o conhecimento lingüístico.

Quanto ao item *produção de texto*, a resenha de **Desenvolvimento da Linguagem** chama a atenção para os *elementos constituintes* do tipo de texto; na do **Dois contos e sua mágica**, há a expressão *tanto...como* que “*infere a abordagem de aspectos da grafia e da produção do próprio texto*”. Sobre o terceiro livro, comenta-se que “*propõe continuidade de texto como referencial para produção de outros*”. A continuidade, portanto, é o referencial.

No item *conhecimento Lingüístico*, o resenhador do livro 1 fala de uma *prática* idêntica àquelas já feitas nas propostas *tradicionais de ensino da língua*. O do livro 2 destaca que as propostas são de *análise e reflexão*, envolvendo “diversos aspectos do conhecimento”. Já o do livro 3 registra que “*evita-se tarefas mecânicas de repetição de modelo*”.

Constatei, ao montar o quadro, que se há alguma crítica a ser apontada, ela se encontra nesse tópico que denominei como *Sugestão*. Para **Desenvolvimento da linguagem**, é sugerida a “*complementação de textos suplementares*”, “a instigação à criação de hipóteses” e “colocar situações reais.” Para **Dois contos e sua mágica**, não há sugestão; infere-se daí que o livro contemplaria todos os aspectos esperados. Na resenha de **Língua e linguagem – sonho e viagem**, aponta-se a necessidade de “introduzir outros temas”, “ênfasis em linguagem oral”; “inserir reelaboração e socialização das redações.”

Quanto ao livro do professor o comentário a respeito é que “explicita os pressupostos”, oferece “sugestão de posturas e encaminhamentos”. No caso do livro dois, o destaque é para as “informações teóricas”, “orientação”, “sugestão de atividades”. No livro três, o resenhador escreveu que “contém resposta dos exercícios”, “sugestão de trabalho”, “fundamento teórico e metodológico”. Para que o leitor do Guia pudesse entender esse processo, no mínimo, teria de ler todas as resenhas e fazer a análise do jogo argumentativo nelas presente.

Cheguei à conclusão de que o Guia não tem concepção de educação única, mas quer se aproximar das teorias construtivistas e sócio interacionistas. Em relação a Língua Portuguesa, reconhece a fragmentação do ensino em redação-gramática-literatura. Concebe e legitima o livro como já vinha sendo constituído. Não interfere na formatação do livro, porque é feito com base na rotina da sala de aula. Não é possível distinguir qualitativamente o livro pelas resenhas. Traz codificação das resenhas pelas estrelas. Apresenta vários discursos, em função dos vários interlocutores: didático pedagógico, técnico e o divulgador.

É necessário que ao escrever um Guia com o objetivo de ajudar o professor na escolha do livro didático se faça avaliações claras e precisas, ofereça apoio e assessoria didático pedagógico ao professor, invista no profissional da educação e na interação interpessoal (relação dialógica: professor como sujeito mediador entre o conhecimento e o aluno).

